

As ocupações e a estrutura agrária: ensaio estatístico

INTRODUÇÃO

O movimento de ocupação de terras ocorrido durante o ano de 1975 e o início de 1976 terá também na estrutura agrária então existente alguns elementos de explicação. A fim de melhor se compreender esta afirmação, há que caracterizar a estrutura interna da Zona de Intervenção da Reforma Agrária (ZIRA).

Como é do conhecimento geral, aquela região é constituída pelos distritos de Évora, Beja, Portalegre e Setúbal, bem como pelos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão, no distrito de Castelo Branco; Azambuja e Vila Franca de Xira, no distrito de Lisboa; e Abrantes, Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Constância, Coruche, Entroncamento, Golegã, Salvaterra de Magos e Vila Nova da Barquinha, no distrito de Santarém, para além de algumas freguesias no distrito de Faro. Assim, os distritos de Castelo Branco, Lisboa e Santarém, quando mencionados ao longo deste trabalho, apenas abrangem os concelhos atrás referidos.

Uma das dificuldades enfrentadas consistiu precisamente no facto de a ZIRA não abranger a totalidade daqueles distritos, o que obrigou à recolha de dados concelhios. Ora grande parte das estatísticas portuguesas não se encontram pormenorizadas ao nível de concelho, não possibilitando o grau de informação desejado. No entanto, os dados existentes dão uma visão suficientemente clara da estrutura agrária da ZIRA.

Partindo desses dados, ir-se-á proceder a uma análise, utilizando coeficientes de correlação entre as várias séries de dados. Há que ter em conta que esta análise é essencialmente estatística e, como tal, está sujeita às limitações que lhe são inerentes. Mais do que a existência ou ausência de relações de causalidade inequívoca, encontramos hipóteses a verificar e pistas a estudar, dadas as frequências e as coincidências encontradas.

1. A ESTRUTURA AGRÁRIA

Começando pela qualidade do solo da ZIRA, verificamos que a percentagem de solos susceptíveis de utilização agrícola (solos de capacidade A, B e C) é bastante reduzida. Dada a indisponibilidade daqueles dados para a ZIRA, houve que recorrer aos valores distritais obtidos em 1954-58 (ver quadro n.º 1).

* Gabinete de Estudos Rurais da Universidade Católica Portuguesa.

**Solos de capacidade A + B + C em
percentagem da superfície cultivada**

[QUADRO N.º 1]

Distritos	Percentagem da superfície cultivada
Beja	33,1
Évora	35,4
Portalegre	33,7
Setúbal	15,9

Fonte: Gabinete de Estudos Rurais, *Áreas Cultivadas, Sector Colectivo, Solos e Capacidade de Uso nos Distritos e Concelhos da Zona de Intervenção da Reforma Agrária*.

Tais valores, quando relacionados com a percentagem de área ocupada por distrito, em 1975 e 1976, originam um coeficiente de correlação com o valor + 0,87, o que leva a crer que as ocupações terão incidido sobre as terras de melhor qualidade.

Quanto à relação existente entre a qualidade do solo e o seu aproveitamento, verifica-se que existe uma grande desproporção:

[QUADRO N.º 2]

Distritos	Percentagem de solo com culturas agrícolas	Solos de capacidade A + B + C
Beja	70,4	33,1
Évora	53,5	35,4
Portalegre.....	55,7	33,7
Setúbal	52,9	15,9

Fonte: SROA (Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário), *A Utilização do Solo em Portugal, 1954-1958*. Gabinete de Estudos Rurais, *op. cit.*

Este quadro põe em evidência a quantidade de solos da ZIRA que é indevidamente utilizada na agricultura. Tal facto é uma das principais causas da baixa produtividade agrícola naquela zona.

Dentro da ZIRA, e no que diz respeito ao seu solo, há ainda a considerar a área coberta por regadio, que, apesar de, quantitativamente, ter uma importância muito reduzida, visto representar apenas 2% da superfície territorial daquela região, é determinante de uma realidade muito diversa. Com efeito, a superfície de terra regada está em princípio associada às explorações agrícolas de pequena dimensão, a uma maior produtividade da terra, a uma maior densidade populacional agrícola, bem como à existência de camponeses ou «isolados agrícolas». Esta afirmação é apoiada pelas seguintes correlações entre a percentagem de área regada e:

A percentagem da área abrangida pelas explorações agrícolas com menos de 20 hectares ($r = + 0,74$);

A área média da exploração agrícola ($r = - 0,87$);

A produtividade da terra ($r = + 0,77$);

A população activa agrícola por hectare de superfície cultivada ($r = + 0,85$);

O número de trabalhadores agrícolas por conta de outrem ($r = - 0,68$);

O número de padrões agrícolas ($r = - 0,57$).

Também, recentemente (1975-76), a realidade criada pela existência de regadio mostrou ser diferente. Com efeito, a correlação entre a percentagem de área regada e a percentagem de superfície ocupada tomou o valor $-0,81$, levando a concluir que as ocupações incidiram principalmente sobre a área de sequeiro.

Dentro desta zona também os incultos foram alvo de tratamento diferente. Assim, o coeficiente de correlação entre a percentagem de área inculta e a percentagem de superfície ocupada foi de $-0,74$, o que leva a concluir que os incultos não foram ocupados.

Após uma visão rápida dos solos da ZIRA, importa tecer algumas considerações acerca da população desta mesma região. Assim, ao contrário do que se poderia pensar, apenas 1/3 da população activa é agrícola. Tal situação deve-se ao facto de a ZIRA abranger Setúbal e parte do distrito de Lisboa, região fortemente povoada¹ e com características acentuadamente industriais². Por esta razão, uma análise ao nível da ZIRA não fornece uma visão precisa da população activa agrícola nesta zona, pelo que se apresentam os valores, relativos a 1970, tomados por cada distrito para esta variável:

**População activa agrícola
em percentagem da população activa**

[QUADRO N.º 3]

Distritos	Percentagem da população activa
Beja	63,4
Castelo Branco.....	49,9
Évora	50,0
Lisboa	17,2
Portalegre.....	57,8
Santarém.....	47,2
Setúbal.....	17,1

Fonte: INE, 11.º Recenseamento da População, 1970, Lisboa.

Assim, 4 dos 7 distritos que compõem a ZIRA, abrangendo 74% da respectiva área, são eminentemente agrícolas, o que permitirá considerar a ZIRA uma região com características predominantemente agrícolas.

Tendo este facto em conta e considerando as correlações entre a percentagem de população activa agrícola e

- A percentagem do PAB no PIB ($r = +0,93$),
- A produtividade do trabalho ($r = -0,75$),
- A produtividade da terra ($r = -0,74$),
- A percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = +0,63$),

poderemos afirmar que quanto maior é a população activa agrícola maior é a importância do PAB. Por outro lado, os activos agrícolas variam na razão

¹ 40% da população residente da ZIRA.

² Cerca de 83% da população activa destes dois distritos é não agrícola.

inversa das produtividades do trabalho e são em maior número nas explorações agrícolas de grande dimensão.

Para além do que foi dito, há ainda a referir que o coeficiente de correlação entre a percentagem de população activa agrícola e a percentagem de área ocupada por distrito apresentou o valor $+ 0,67$, mostrando que variam na razão directa, isto é, as ocupações foram mais intensas nas regiões onde é maior a população activa agrícola.

Analisando aquela quanto à sua composição, outras conclusões se podem tirar. Assim, o número de padrões agrícolas encontra-se directamente relacionado com a percentagem da área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = + 0,51$), pondo em evidência que os distritos com explorações de maior dimensão são também aqueles que têm maior número de padrões agrícolas. Há ainda a acrescentar que a área ocupada foi também superior nos distritos onde aquele estrato social é mais numeroso ($r = + 0,59$).

Os isolados agrícolas, outro estrato da população activa agrícola, caracterizam-se por estarem associados às explorações de pequena dimensão, pois os coeficientes de correlação entre a percentagem de isolados agrícolas e

A área média da exploração agrícola ($r = -0,66$),

A percentagem da área abrangida pelas explorações agrícolas com menos de 20 hectares ($r = + 0,77$),

assim o demonstram. Por outro lado, aquele grupo encontra-se inversamente relacionado com o número de trabalhadores por conta de outrem ($r = -0,72$), bem como com a *ratio* «prestadores de trabalho/seus utilizadores» ($r = -0,77$). Também a relação entre aquele estrato e a percentagem de dirigentes das explorações agrícolas analfabetos é bastante forte ($r = + 0,77$), evidenciando que grande número dos isolados agrícolas são analfabetos.

Os isolados agrícolas, por estarem associados às explorações de pequena dimensão, não foram grandemente afectados pelas ocupações, como o demonstra o coeficiente de correlação entre a percentagem de isolados agrícolas e a percentagem de área ocupada ($r = -0,71$).

Quanto ao terceiro grupo da população activa agrícola, que é também o mais numeroso, os trabalhadores por conta de outrem, verifica-se que tem maior volume nos distritos com menor densidade populacional agrícola ($r = -0,51$), com maior área média da exploração agrícola ($r = + 0,74$) e onde é mais elevada a percentagem de área abrangida por explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = + 0,88$). Um grande número de trabalhadores agrícolas também se encontram associados a uma baixa produtividade da mão-de-obra ($r = -0,53$) e a um reduzido nível de mecanização agrícola ($r = -0,60$).

Foi igualmente nos distritos da ZIRA com maior número ou mais elevada percentagem de assalariados agrícolas que a percentagem de área ocupada foi mais elevada ($r = + 0,80$).

Considerando a relação entre prestadores de trabalho e seus utilizadores, verifica-se que esta *ratio* toma valores tanto mais elevados quanto maior é a percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = + 0,82$). Por outro lado, ela também varia na razão directa da percentagem de área ocupada ($r = + 0,52$). Existe igualmente relação entre o quociente «prestadores de trabalho/seus utilizadores» e as produtividades de mão-de-obra ($r = -0,66$) e da terra ($r = -0,77$).

O número de activos agrícolas por unidade de superfície, quando relacionado com a área média da exploração agrícola ($r = -0,73$) e com a percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas de menos de 20 hectares ($r = +0,77$), permite concluir que existe uma relação directa entre a primeira variável e as explorações agrícolas de pequena dimensão. Por outro lado, quanto maior for a densidade populacional agrícola (número de activos agrícolas por unidade de superfície cultivada) maiores são as produtividades da mão-de-obra ($r = +0,88$) e da terra ($r = +0,95$). A percentagem de área ocupada também se encontra correlacionada com o número de activos agrícolas por superfície cultivada, mas, desta vez, na razão inversa ($r = -0,60$). Com efeito, as ocupações efectuaram-se nas zonas onde existe menor número de activos agrícolas por hectare.

As seguintes relações estabelecidas entre a área média da exploração agrícola e outras variáveis variam na razão inversa:

Da percentagem da área abrangida pelas explorações por conta própria ($r = -0,77$);

Do número de tractores por 100 hectares ($r = -0,52$);

Da quantidade de adubos utilizada por hectare ($r = -0,57$);

Da produtividade da terra ($r = -0,62$).

A pequena exploração agrícola está associada à forma de exploração por conta própria, a uma elevada utilização de adubos e tractores e a uma alta produtividade da terra.

A correlação entre as variáveis anteriores e a percentagem de área abrangida pelas explorações com menos de 20 hectares permitem acrescentar àquelas conclusões uma outra: a elevada produtividade da mão-de-obra está associada às explorações de pequena dimensão.

Dado o poder económico das grandes explorações, poderia parecer estranho que uma elevada utilização de adubos e tractores esteja associada às explorações agrícolas de menos de 20 hectares. Não obstante, esta afirmação é verdadeira. Os distritos com maior percentagem de área abrangida por explorações com menos de 20 hectares (Setúbal, Lisboa e Santarém) são também os que utilizam maior quantidade de adubos por hectare e têm mais elevada densidade de mecanização agrícola. Isto dever-se-á ao facto de aqueles distritos serem também os mais industrializados. Assim, se determinarmos a correlação entre a percentagem do PAB no PIB e a quantidade de adubos utilizada por hectare e o número de tractores por 100 hectares, encontramos uma forte relação e de sinal contrário:

Quantidade de adubos por hectare ($r = -0,73$);

Número de tractores por 100 hectares ($r = -0,69$);

Percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com menos de 20 hectares ($r = -0,73$).

Efectivamente, é do conhecimento geral que a agricultura é tanto mais desenvolvida quanto mais próxima se encontra dos mercados consumidores e dos centros industriais, para além dos factores naturais e ecológicos.

Por sua vez, a percentagem da área ocupada também se encontra relacionada com a percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = +0,73$). Estas relações confirmam o facto, *a priori* evidente, de as ocupações se terem processado principalmente nas explorações de maior dimensão.

A percentagem de área ocupada também se encontra correlacionada com a percentagem de área explorada por conta própria ($r = -0,77$), mostrando que houve menos ocupações nas explorações cuja forma de exploração da terra é por conta própria.

A idade dos dirigentes das explorações agrícolas é um factor que influencia o dinamismo e desenvolvimento destas. Assim, vamos ver de que forma a percentagem de dirigentes com idade superior a 55 anos se relaciona com:

Os adubos utilizados por hectare ($r = -0,89$);

O número de tractores por 100 hectares ($r = -0,94$);

A produtividade da terra ($r = -0,92$);

A produtividade da mão-de-obra ($r = -0,92$).

Os resultados obtidos permitem concluir que quanto maior for a idade do dirigente da exploração, menor é a utilização de adubos e tractores e também inferiores são as produtividades da terra e da mão-de-obra. Por outro lado, não existe qualquer relação entre a percentagem de área ocupada e a idade dos dirigentes das explorações agrícolas.

A mão-de-obra permanente é um dos tipos de mão-de-obra utilizados nas explorações agrícolas. Assim, a percentagem de assalariados permanentes encontra-se directamente relacionada com a percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = +0,83$), com a área média da exploração agrícola ($r = +0,81$) e com a percentagem de área ocupada ($r = +0,82$). A existência de trabalhadores permanentes está também associada a uma baixa produtividade da terra e a um reduzido nível de utilização de adubos e mecanização.

O recurso a técnicas agrícolas, como sejam os adubos e a mecanização, encontra-se altamente correlacionado com as produtividades da mão-de-obra e da terra, como seria de esperar. Com efeito, a introdução daqueles factores de produção possibilita alcançar melhores resultados em termos de produção. Em contrapartida, não existe qualquer relação entre a quantidade de adubos utilizados por hectare, o número de tractores por 100 hectares e a percentagem de área ocupada por distrito. Deste modo, a utilização de modernas técnicas agrícolas não terá sido factor motivador na ocupação de terras.

O mesmo já não se poderá afirmar relativamente à produtividade da terra, visto que existe correlação entre esta e a percentagem de área ocupada ($r = -0,51$). Deste modo, as ocupações deram-se com maior intensidade nas terras de menor produtividade.

Quanto ao indicador «superfície cultivada por unidade de trabalho disponível», que mede a pressão da população activa agrícola sobre a terra, verifica-se que varia na razão inversa da percentagem de regadio ($r = -0,88$), do número de tractores por 100 hectares ($r = -0,80$), da quantidade de adubos utilizada por hectare ($r = -0,86$), das produtividades da terra ($r = -0,91$) e do trabalho ($r = -0,83$) e ainda da percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com menos de 20 hectares. Daqui se pode concluir que aquele indicador tem valor mais elevado nos distritos onde há mais explorações agrícolas de grande dimensão. Também existe relação entre a superfície cultivada por unidade de trabalho disponível e a percentagem de área ocupada ($r = +0,62$), pondo em evidência que houve mais ocupações onde aquele indicador tem maior valor. A análise estatística apre-

sentada confirma a existência de duas realidades dentro da ZIRA: a de pequena exploração agrícola e a de explorações de grande dimensão.

A região da pequena exploração corresponde sensivelmente ao Norte do distrito de Setúbal e aos distritos de Santarém e Lisboa, embora existam também explorações de pequena dimensão disseminadas por toda a ZIRA. Aquela região caracteriza-se pela existência de regadio, de elevada população activa agrícola por unidade de superfície cultivada, pela presença de grande número de isolados agrícolas, pela adopção da forma de exploração por contra própria, pela utilização de adubos e tractores, por elevadas produtividades do trabalho e da terra, pela utilização de mão-de-obra predominantemente familiar e ainda por um baixo valor da superfície cultivada por unidade de trabalho disponível.

Não é por coincidência que as explorações de pequena dimensão se encontram também associadas a baixos valores da relação PAB/PIB. Com efeito, este quociente toma níveis menos elevados junto dos centros industriais. Ora, nestes, além da existência de mercados e dos factores ecológicos, são produzidos factores de produção essenciais para a agricultura, nomeadamente os adubos e a maquinaria agrícola, e é superior o nível de instrução dos agricultores. A proximidade das cidades favorece não só a divulgação como a utilização de factores de produção mais modernos. Poder-se-á afirmar que a proximidade de centros industriais se traduz numa economia de escala para o sector agrícola.

Quanto às explorações de grande dimensão, com maior representação nos distritos de Évora, Portalegre e Beja, verifica-se que têm características muito diversas das do tipo da exploração agrícola anteriormente definido. Assim, um elevado número de patrões e assalariados agrícolas e, consequentemente, um alto valor da relação «prestadores de trabalho/seus utilizadores», bem como uma baixa densidade populacional agrícola, são componentes próprias de explorações agrícolas de grande dimensão. Também uma elevada utilização de mão-de-obra permanente, um fraco uso de adubos e mecanização agrícola, para além de baixas produtividades da terra e do trabalho, são características a acrescentar àquele tipo de explorações.

O dualismo entre explorações grandes e pequenas, na ZIRA, é real e mais uma vez se fez sentir quando do movimento de ocupação de terras, em 1975. Com efeito, este teve especial incidência sobre as explorações de grande dimensão, embora também se tenham verificado algumas ocupações em pequenas explorações.

2. ALGUNS DADOS CONJUNTURAIS

Após este exame privilegiando elementos da estrutura agrária da ZIRA, procederemos a uma breve análise de outras características ligadas à produção ou de ordem conjuntural.

Assim, tendo em conta que o trigo e a cortiça são dois dos produtos mais importantes na economia da ZIRA, vamos ver de que forma eles estão relacionados com as restantes variáveis, algumas das quais já atrás consideradas.

Tomando como indicadores a produtividade por hectare e a área semeada do trigo, verificamos que este cereal é próprio das regiões com explorações agrícolas de grande dimensão ($r = + 0,61$), com elevado número de patrões agrícolas ($r = + 0,76$) e de assalariados agrícolas ($r = + 0,79$) e onde a área

de regadio é quase inexistente ($r = -0,84$). Por outro lado, a produtividade do trigo é baixa, pois este cereal está normalmente associado a terras de pequena produtividade ($r = +0,63$) e onde a utilização de adubos ($r = +0,67$) e tractores ($r = +0,66$) é muito reduzida. Foi também na zona onde o trigo é mais cultivado que se registou a maior percentagem de área ocupada ($r = +0,91$); consequentemente, foi aí que se instalaram as cooperativas e unidades colectivas de produção ($r = +0,93$). Da mesma forma, as terras que foram alvo de expropriações encontravam-se, em grande quantidade, semeadas de trigo ($r = +0,72$).

Quanto à cortiça, verifica-se que ela se encontra associada a explorações de grande dimensão ($r = +0,69$) e onde o número de assalariados agrícolas é bastante elevado ($r = +0,65$).

Analisando agora outros dados de ordem conjuntural, como os resultados das eleições para a Assembleia Constituinte, verificamos que a percentagem de votos alcançada pelo Partido Comunista Português na ZIRA se encontra directamente relacionada com:

- A percentagem de área abrangida pelas explorações agrícolas com mais de 20 hectares ($r = +0,51$);
- A percentagem de área ocupada ($r = +0,54$);
- O número de patrões agrícolas ($r = +0,53$);
- O número de assalariados agrícolas ($r = +0,51$);
- O número de cooperativas e unidades colectivas de produção ($r = +0,51$);
- O número de trabalhadores das cooperativas e unidades colectivas de produção ($r = +0,59$).

Tal facto permite afirmar que o PCP tem maior implantação na zona de grandes explorações agrícolas e onde é maior o número de patrões e assalariados agrícolas. Esta zona coincide igualmente com a região onde se registaram maior número de ocupações, na qual é mais elevado não só o número de cooperativas e unidades colectivas de produção, como também o número de trabalhadores a elas pertencentes.

Em contrapartida, as percentagens de voto do Partido Socialista e da Aliança Democrática, em 1975³, não se encontram associadas à percentagem de área ocupada e a relação existente com o número de cooperativas e unidades colectivas de produção é de sentido inverso.

Verifica-se também uma perfeita coincidência entre a percentagem de área ocupada e a percentagem de superfície abrangida pelas cooperativas e unidades colectivas de produção ($r = +1,00$), o que é a simples verificação da evidência: estas instalaram-se nas terras ocupadas. O mesmo já não se poderá dizer da superfície expropriada. Com efeito, embora haja uma grande relação entre esta e a percentagem de área ocupada ($r = +0,93$), não existe coincidência. Tal situação é justificada pelo facto de ter havido terras que foram ocupadas indevidamente e que foram devolvidas. Por outro lado, foram por vezes expropriadas terras e herdades que não tinham sido previamente ocupadas.

³ A percentagem considerada diz respeito à soma dos votos obtidos pelo PPD, PPM e CDS, visto não existir ainda a AD.

Por sua vez, da coincidência existente entre a área ocupada e a área onde as cooperativas e unidades colectivas de produção se instalaram se infere que esta se identifique com a região de grande exploração agrícola.

Quanto ao número de trabalhadores das cooperativas e unidades colectivas de produção, verifica-se que se encontra directamente relacionado com o número de assalariados agrícolas, confirmando o facto de aqueles terem sido, anteriormente ao processo da Reforma Agrária, e em grande maioria, trabalhadores por conta de outrem. Por outras palavras, e numa óptica diferente, foi muito reduzida ou quase nula a participação de camponeses ou isolados agrícolas nas ocupações e na constituição do sector colectivo.

As relações existentes entre a percentagem de área expropriada e as diversas variáveis são idênticas às verificadas para as percentagens de área do sector colectivo e área ocupada: as expropriações constituíram o processo de legalização da ocupação de terras.

Em conclusão, a zona de grande exploração agrícola da ZIRA, para além de ter sido a mais fortemente ocupada, foi igualmente aquela onde se instalou o maior número de cooperativas e unidades colectivas de produção, sendo também, em larga medida, dominada eleitoralmente pelo Partido Comunista.

FONTES

INE, *11.º Recenseamento da População*, Lisboa, 1970.

SROA, *Utilização do Solo em Portugal, 1954-1958*, Lisboa.

INE, *Inquérito às Explorações Agrícolas*, Lisboa, 1968.

INE, *Estatísticas Agrícolas, 1960 a 1978*, Lisboa.

INE, *Eleição para a Assembleia da República — 1976*, Lisboa, 1976.

CRRA de Portalegre.

IGEF, MAP.

Diário da República.

Afonso de Barros, *A Reforma Agrária em Portugal — Das Ocupações de Terras à Formação das Novas Unidades de Produção*, Lisboa, 1980.

Análise Social.

Ficheiro das UCPs, Gabinete de Estudos Rurais, Lisboa.

Mário Pereira, *A Estrutura Agrária Portuguesa (1968-1970) — Suas Relações com a População e a Produção Agrícola*, Lisboa, 1979.